



História, Ciências, Saúde - Manguinhos

ISSN: 0104-5970

hscience@coc.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz

Brasil

Girão Soares de Lima, Ana Luce; Chagas de Mesquita, Cecília; dos Santos Lourenço, Francisco;
Arruda Gonçalves, Leonardo; dos Santos, Ricardo Augusto
Ciência, política e paixão: o arquivo de Carlos Chagas Filho
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2005, pp. 185-198
Fundação Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386137979010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Ciência, política e paixão: o arquivo de Carlos Chagas Filho

*Science, politics, and passion:
the Carlos Chagas Filho archive*

Ana Luce Girão Soares de Lima

Pesquisadora do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz
Av. Brasil, 4365
21040-900 Rio de Janeiro — RJ — Brasil
analuze@coc.fiocruz.br

Cecília Chagas de Mesquita

Bacharel em história pela Universidade Federal Fluminense
ceciliacmesquita@ig.com.br

Francisco dos Santos Lourenço

Pesquisador do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz
flourenc@coc.fiocruz.br

Leonardo Arruda Gonçalves

Bacharel em história pela Universidade Federal Fluminense
arruda@coc.fiocruz.br

Ricardo Augusto dos Santos

Pesquisador do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz
raugusto@coc.fiocruz.br

LIMA, A. L. G. S. de; MESQUITA, C. C. de; LOURENÇO, F. dos S.; GONÇALVES, L. A. e SANTOS, R. A. dos. Ciência, política e paixão: o arquivo de Carlos Chagas Filho. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 1: 185-98, jan.-abr. 2005.

Este texto tem por objetivo apresentar a relevância do arquivo de Carlos Chagas Filho como manancial de informações para os estudos da história da ciência no século XX. Pelo estudo dos documentos referentes às instituições em que atuou — tais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e a Academia Pontifícia de Ciências do Vaticano — e naquelas de que foi criador — como o Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro —, podemos resgatar facetas de sua trajetória dentro dos processos de formulação de políticas públicas de desenvolvimento e valorização da prática científica no Brasil e no exterior.

PALAVRAS-CHAVE: história da ciência, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Academia Pontifícia de Ciências, Instituto de Biofísica, Carlos Chagas Filho, arquivos de ciência e tecnologia.

LIMA, A. L. G. S. de; MESQUITA, C. C. de; LOURENÇO, F. dos S.; GONÇALVES, L. A. and SANTOS, R. A. dos. Science, politics, and passion: the Carlos Chagas Filho archive. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 1: 185-98, Jan.-Apr. 2005.

The text highlights the Carlos Chagas Filho archive as a rich source of information for studies of the history of science during the twentieth century. Using documents related to the institutions in which Carlos Chagas Filho was active (such as UNESCO and the Vatican's Pontifical Academy of Science) as well as those he helped create (like the Federal University of Rio de Janeiro's Biophysics Institute), the study uncovers facets of his trajectory, both within public policymaking in the field of development and in the effort to foster scientific practice in Brazil and abroad.

KEYWORDS: history of science, UNESCO, Pontifical Academy of Science, Biophysics Institute, Carlos Chagas Filho, science and technology archives.

A história de vida é uma dessas noções que entraram como contrabando no nosso universo científico.

(Bourdieu, 1996, p. 183)

Vivemos um período em que, com a valorização da história cultural, os pesquisadores debruçam-se cada vez mais sobre as biografias, aqui entendidas não apenas como um gênero literário, mas também como aquelas que nos são descortinadas pelos arquivos — esses nossos velhos conhecidos.

Um arquivo pessoal está longe de ser uma biografia, mesmo porque lhe falta a retórica, inerente ao trabalho do historiador, ou o estilo literário do escritor. Enfim, a relação de causa e efeito, a narrativa lógica da concatenação linear ou não dos fatos. Entretanto, não pode ser comparado a um mero vestígio à espera de quem lhe dê sentido, pois é rico portador de uma infinidade de registros, a verdadeira dimensão material da memória. É naquela ausência que pretendemos buscar a sua maior riqueza.

Obviamente as exigências de historiadores e romancistas não são as mesmas, embora estejam aos poucos se tornando mais parecidas. Nosso fascínio de arquivistas pelas descrições impossíveis de corroborar por falta de documentos alimenta não só uma renovação na história narrativa, como também o interesse por novos tipos de fontes, nas quais se poderiam descobrir indícios esparsos dos atos e das palavras do cotidiano. Além disso, reacendeu o debate sobre as técnicas argumentativas e sobre o modo pelo qual a pesquisa se transforma em ato de comunicação por intermédio de um texto escrito. (Levi, 1996, p. 169)

Logo, um interesse pela biografia contextualizada, não pelo indivíduo em si, mas inserido numa sociedade de um determinado período e local, bem como as ligações que ele estabelece em seu meio, a rede de relações que tece, os processos de tomada de decisões, os estágios intermediários, são os elementos de partida para o desenvolvimento de um trabalho arquivístico a contento. No caso de arquivos de cientistas, podemos também conhecer as experiências que não deram certo, que não foram publicadas, os trabalhos abandonados pelo meio, avanços, recuos, bem como a gama de sentimentos aí envolvidos.

Sob esta ótica é lícito afirmar que o estudo do processo de acumulação e a história arquivística dos documentos pessoais são registros tão eloqüentes quanto podem ser a correspondência, a produção intelectual, um diploma ou uma fotografia. Quem trabalha em centros de documentação sabe que um arquivo pessoal pode nos chegar às mãos das mais diversas formas: totalmente desor-

denado, sendo esta desordem fruto do caminho que percorreu até o destino, ou da falta de critério em sua acumulação; revelador da triagem sofrida na origem pelo próprio titular do arquivo ou por seus familiares, desejosos de construir para a posteridade uma bela imagem; ou ainda acumulado segundo uma ordenação coerente com a intenção de preservar sua memória, inclusive transferindo-a para um “lugar de memória”, termo cunhado por Pierre Nora (1993) e plenamente adotado por historiadores, tudo isso apenas para citarmos algumas situações possíveis.

Além disso, há a subjetividade envolvida no diálogo entre o titular do arquivo e o pesquisador que se debruça sobre ele, sendo o historiador um personagem privilegiado: trata-se de um caminho de mão dupla. Um documento, em sua unicidade, excetuando-se aqueles monumentalizados como marcos inaugurais ou de ruptura, é um suporte para a informação.¹ A relação que se estabelece no conjunto, na coleção e em seu ordenamento traz em si um dos discursos dos quais nos apropriamos para nossas pesquisas.

No entanto, seria ingenuidade pensar que toda série documental que leva a chancela de pessoal é obrigatoriamente autêntica, uma vez que não nasceu com a vocação histórica de um arquivo institucional público ou privado. A vontade de guardar (Vianna; Lisovsky e Sá, 1986), seja ela por intenção autobiográfica, seja em função da preservação de uma ideologia, de uma filosofia de vida, ou de uma trajetória que se quer tornar exemplar, seja pelo motivo que for, deve estar sempre na frente de qualquer crítica a respeito da origem documental.

Após essas premissas básicas, apresentamos aqui o arquivo de Carlos Chagas Filho. Esse conjunto se insere em um fundo familiar do qual fazem parte os arquivos pessoais de seu pai, Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas, e de seu irmão, Evandro Serafim Lobo Chagas. Seus documentos foram doados ao Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz em duas fases: a primeira, pelo próprio cientista, e a segunda, após a morte deste em 2000, por Anna Chagas, sua viúva. Os documentos têm diversas procedências, entre elas destacamos o Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

O arquivo possui 42 metros lineares ou cerca de 74 mil documentos, dos quais podemos destacar uma riquíssima correspondência científica e uma produção intelectual contendo discursos, palestras e conferências, em que o titular expõe seu pensamento político, social e científico, articulando estas duas últimas vertentes à sua religiosidade. Prova disso são as tarefas por ele desempenhadas durante os 16 anos em que esteve à frente da Academia Pontifícia de Ciências (APC) do Vaticano, quando demonstrou uma

¹ “O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro — voluntária ou involuntariamente — determinada imagem de si próprias”. (Le Goff, 1996, p. 547-548)

visão esclarecida sobre a Igreja Católica, aproximando fé e ciência. Em suas próprias palavras, resumiu a experiência espiritual e a militância científica da seguinte forma: “Estou procurando mostrar que não há incompatibilidade entre a verdade científica e a revelação: são duas coisas que tratam de espaços diferentes. Uma trata da realidade da vida, a outra trata do transcendental” (*apud* SBPC, 1998, p. 63).

Dentre os grandes blocos temáticos presentes no arquivo, destacamos os seguintes: a fundação do Instituto de Biofísica, matriz para a elaboração de uma política científica no Brasil; as pesquisas com o peixe-elétrico ou poraquê, *Electrophorus electricus*, e o curare, substância com ação farmacológica comprovada, extraída de várias espécies de vegetais, ambos obtidos da região Amazônica; a atuação em órgãos internacionais, como a Unesco e a APC.

O titular do arquivo nasceu no Rio de Janeiro a 12 de setembro de 1910. Médico, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, teve como legado uma fortíssima herança científica, a qual carregava até mesmo no nome. Embora profundamente ligado à tradição da pesquisa realizada no Instituto Oswaldo Cruz, privilegiou tanto a carreira acadêmica no interior da universidade quanto a atuação em organismos internacionais, como atesta a procedência e o conteúdo de seu arquivo.



Cerimônia de posse de Chagas Filho como professor concursado da cátedra de física biológica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1937.

² Em 1985, por requerimento unânime dos membros de seu Conselho Departamental, o nome do instituto foi alterado para Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, com o objetivo de homenagear o septuagésimo quinto aniversário do cientista. Como Oswaldo Cruz, Chagas Filho teve em vida o reconhecimento do conjunto de sua obra.

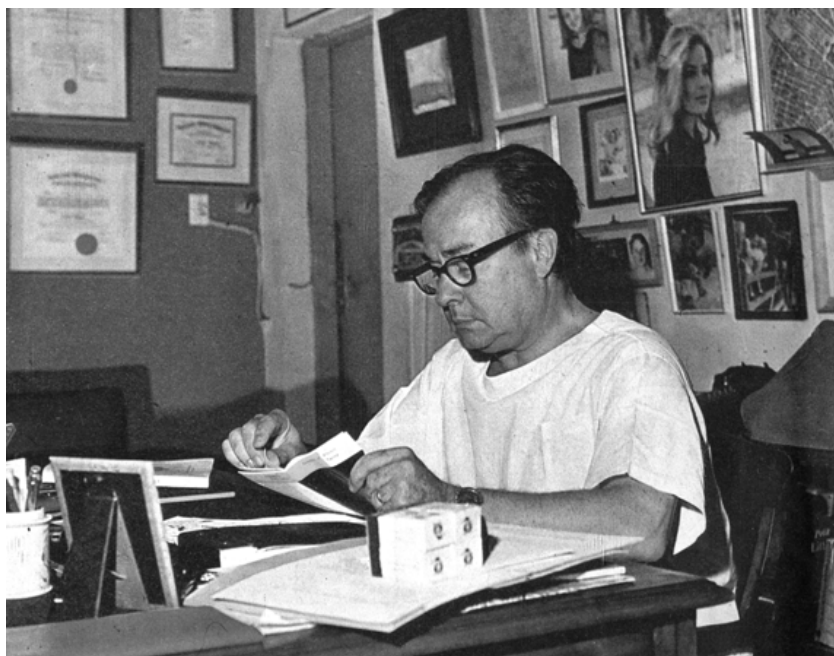
A carreira de Chagas Filho, cientista engajado no processo de formulação de políticas públicas de desenvolvimento e valorização da prática científica no Brasil, foi construída sobre as atividades realizadas no Instituto de Biofísica.² Criado por ele em 1945, a partir do Laboratório de Biofísica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, atual UFRJ, o instituto tem papel de destaque nas transformações pelas quais passou o campo científico-acadêmico brasileiro a partir da segunda metade do século XX. Sua trajetória se confunde com a própria história de vida de seu criador, refletindo as relações com o Estado, a sociedade e a comunidade científica internacional.

Chagas Filho desenvolveu as linhas de pesquisa do instituto a partir de objetos nacionais, como o peixe-elétrico e o curare. Deste modo, construiu um discurso de legitimação da produção do conhecimento pelo conhecimento, do qual fez uso durante toda sua carreira, e que era fundamentado na importância de uma ciência nacional baseada no uso de técnicas avançadas em modelos autóctones (Schall, 2001; Almeida, 2003).

Foi a partir dessas atividades que ele conseguiu introduzir a prática da ciência experimental naquela universidade, criando princípios hoje consolidados no meio acadêmico, tais como a articulação ensino-pesquisa e a 'invenção' da biofísica como campo autônomo de investigação (Góes Filho, 1997; Mariani, 1982). Entretanto, devemos ressaltar que a ausência de fronteiras deste campo, como sinônimo de potencial científico, capaz de arregimentar capitais simbólicos e materiais, teve por objetivo desvincular a ciência pura da ciência aplicada.

Referente ao período em que esteve ligado ao Instituto de Biofísica, isto é, da criação até o fim de sua vida, destacam-se em seu arquivo documentos de foro privado e profissional, que revelam a rotina do instituto, sua estrutura de funcionamento, as linhas de pesquisas privilegiadas, além das relações do cientista com outras instituições nacionais e internacionais, como a Academia Brasileira de Ciências, a Fundação Oswaldo Cruz, a Organização Mundial da Saúde e a Academia de Ciências do Terceiro Mundo. São eles: impressos, correspondência, currículos, separatas, convites e artigos científicos, entre outros. Sobressaem, nesse conjunto documental, as inúmeras cartas trocadas entre Chagas Filho, seus pares e sua família, que versam sobre questões e acontecimentos da época, como também o termo de sua posse como diretor do Instituto de Biofísica e o título de decano da Universidade do Brasil.

Em parte como reflexo das atividades desenvolvidas no âmbito da universidade brasileira, Chagas Filho construiu, em paralelo, uma brilhante carreira junto a organismos e instituições internacionais, que nasceram no pós-Segunda Guerra Mundial. Um novo momento na história do desenvolvimento da ciência em escala pla-



Chagas Filho em seu gabinete de trabalho no Instituto de Biofísica, localizado na Praia Vermelha. *Tribuna Médica*. Rio de Janeiro, junho de 1965.



Recorte de jornal referente às pesquisas realizadas com o peixe-elétrico no Laboratório de Biofísica. *A Noite*. Rio de Janeiro, 10 de março de 1939.

³ Adotamos esta denominação por ser a mais constante nos documentos, mesmo sabendo que existe a variante Comitê de Estudos dos Efeitos das Radiações Ionizantes, sendo esta fruto de diferentes traduções.

⁴ Paulo Estevão de Berredo Carneiro (1901-1982) desenvolveu destacadas atividades científicas, acadêmicas e culturais nos campos da química vegetal e animal, da preservação da memória patrimonial e intelectual do filósofo Augusto Comte e das políticas nacionais e estrangeiras de fundação de diversas instituições, como a Unesco, por exemplo, de onde foi ministro, embaixador e delegado brasileiro durante as décadas de 1940 e 1980. Nesse período, propôs vários projetos na instituição, como o da criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (Fraiz, 2000).

⁵ Em longos depoimentos prestados ao (CPDOC) Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil (1984) e à Fundação Oswaldo Cruz (1991), Chagas Filho comenta as inúmeras cartas e ofícios trocados com René Maheu durante o período em que esteve na Unesco.

netária teve início com a explosão da bomba atômica. Posteriormente, no contexto da Guerra Fria, foram estreitados seus laços com práticas políticas, visando à demarcação das áreas dos blocos capitalista e soviético. Chagas Filho não ficaria imune a essas transformações que a comunidade científica viveria e das quais os próprios cientistas seriam protagonistas.

Em 1946, ele viajou para a França como convidado do governo francês para as celebrações do cinquentenário da morte de Louis Pasteur e como um dos representantes do Brasil na I Conferência Geral da Unesco, fato que se repetiu em ocasiões posteriores, conforme os dados contidos nos marcos cronológicos em anexo. A partir deste momento o brasileiro alcançaria definitivamente um patamar especial no campo da ciência “como participante do que poderíamos chamar de diplomacia da Ciência” (Góes Filho, 1997, p. 131). Contudo, devemos ressaltar que, desde a década de 1930, Chagas Filho já percorria com razoável desenvoltura os espaços das relações científicas internacionais, quando realizou estágios de aperfeiçoamento com os professores René Wurmser e Alfred Fessard, em Paris, e Archibald V. Hill, em Londres, após sua posse como professor concursado da cátedra de física biológica da Universidade do Brasil, em 1937.

Esta atuação internacional em nenhum momento implicou um abandono das atividades desenvolvidas no Instituto de Biofísica, mas serviu para catalisar seu progresso. Dentre os mais significativos postos ocupados por ele, destacam-se: membro do Comitê Assessor de Pesquisas Médicas da Organização Mundial da Saúde (1951-1962/1971-1973); presidente do Comitê Científico das Nações Unidas para o Estudo dos Efeitos das Radiações Atômicas (1956-1957);³ secretário-geral da I Conferência das Nações Unidas para Ciência e Tecnologia, em Genebra (1962-1966); presidente do Comitê para a Aplicação da Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento, do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (1966-1970); embaixador e chefe da Missão Permanente do Brasil junto à Unesco (1966-1970); presidente do Comitê Internacional da Salvaguarda de Veneza (1979) e vice-presidente da Academia de Ciências do Terceiro Mundo (1983).

No exercício destas atividades como ‘cidadão-cientista’ do mundo foram produzidos e acumulados inúmeros documentos, que ora integram seu arquivo. São textos, relatórios, palestras e correspondência que nos permitem recuperar facetas de sua atuação. Nestes, por exemplo, está registrada a saída de Paulo Carneiro⁴ do posto de embaixador do Brasil junto à Unesco, a quem Chagas Filho substituiu em 1966, por designação do presidente Castelo Branco, e o intercâmbio científico mantido com René Maheu, diretor-geral do órgão⁵.

Paris, em 1º de fevereiro de 1966

Meu caro Carlos,

No meu fóro íntimo, sempre havia pensado que, ao término da minha missão junto à UNESCO, ninguém poderia, melhor do que Você, assegurar a continuidade da obra até então realizada, dando-lhe, com o seu devotamento e a sua cultura, renovo e brilho. Nunca imaginei, porém, que viesse a deixar este posto nas circunstâncias que me foram impostas, tão certo estava de haver cumprido fielmente, nestes vinte anos, os meus deveres para com o meu país e o meu Governo.

Não é a Você, que me acompanhou passo a passo nesse longo roteiro da UNESCO, e que tão calorosamente defendeu, junto ao Presidente e aos seus mais íntimos colaboradores, os meus títulos a um justo apreço pela lealdade dos serviços prestados, que eu preciso dizer quanto me pesa o agravo recebido.

Como lhe disse pelo telefone, repeti em meu telegrama, sobrenadado de todo esse episódio a satisfação de o ver à testa desta Delegação, pois estou seguro da perfeição com que Você vai desempenhar-se dos encargos que ora lhe incumbem. Desejo aqui recebê-lo e passar-lhe pessoalmente as minhas funções, para reaver este ato da dignidade que deve ter a transmissão de um posto de tão alta responsabilidade. Organizarei, em sua honra, uma recepção de Delegados e altos funcionários da UNESCO, como testemunho público da minha profunda estima pelo eminente homem de ciência que Você é.

A Delegação o espera com o mesmo espírito de fidelidade e devotada cooperação. Posso assegurar-lhe que em Mario Vieira de Mello terá Você, como eu tive, um Ministro Conselheiro ideal,

./...

quer pelos seus dotes de inteligência, quer pela sua nobreza de caráter.

Quando da sua chegada, dar-lhe-ei amplas informações sobre os assuntos em curso. Examinaremos então as questões relacionadas com o Conselho Executivo e a Conferência Geral.

Pelo seu último telegrama, vejo que Você decidiu aguardar no Rio a chegada do Adishiah e participar das reuniões que vão aí realizar-se, nessa ocasião. Será excelente oportunidade para um pormenorizado exame do plano de criação do Centro de Ciência e Tecnologia, em São Paulo.

Não são poucos os problemas de ordem pessoal que devo enfrentar e resolver nestes próximos meses, mas espero, de um modo ou de outro, continuar a servir o Brasil sem dele desmerecer.

As manifestações de solidariedade e de afeto que venho recebendo do Brasil, da França e da UNESCO constituem precioso estimulante nesse sentido.

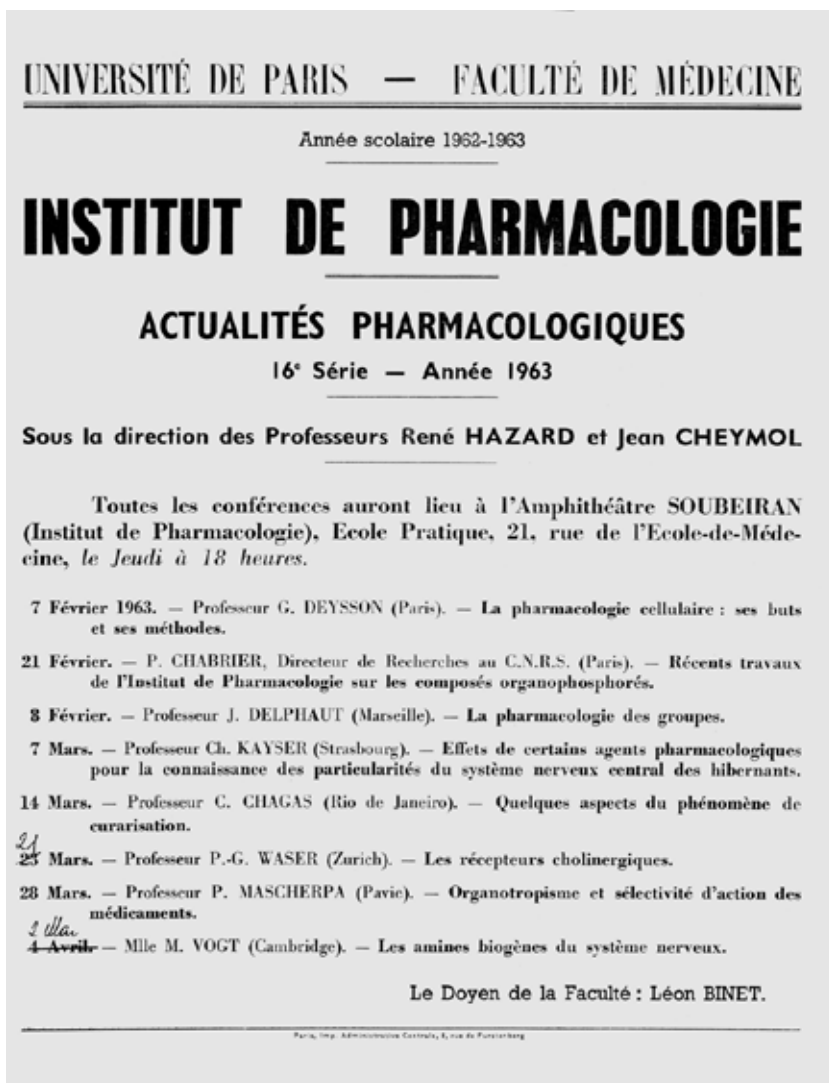
Muito agradeço, meu caro Carlos, a sua carta de 21 de janeiro, mais um elo entre tantos que há várias gerações nos vinculam um ao outro.

*Seu, de coração,
Paulo*

Paulo E. de Berrêdo Carneiro

Carta do embaixador Paulo Carneiro referente à sua saída da Unesco. Paris, 1º de fevereiro de 1966.

⁶ Fundada pelo romano Federico Cesi no ano de 1603, como Accademia dei Lincei, ela somente foi incorporada ao Estado Papalino em 1847, no pontificado do Papa Pio IX, sob a denominação de Accademia dei Nuovi Lincei. Esta instituição foi a primeira a tratar de assuntos relacionados à ciência no ocidente, alcançando reconhecimento internacional. Em 1936, o papa Pio XI lhe conferiu o atual nome (Chagas Filho, 1991). Possui um conselho composto por 80 cientistas, homens e mulheres, não necessariamente católicos. Merece destaque o fato de Galileo Galilei ter sido membro da referida Academia.



Cartaz das aulas do Instituto de Farmacologia da Universidade de Paris. Paris, 1963.

Outro período de destaque em sua longa trajetória internacional está focalizado junto à APC.⁶ Seu ingresso no corpo acadêmico da instituição se deu no ano de 1961, por indicação informal do cientista belga Corneille Heymans, prêmio Nobel de fisiologia ou medicina de 1938, que havia visitado o Instituto de Biofísica em fins da década de 1950. A partir deste momento, estreitou seus laços com a Igreja e seus membros mais eminentes. Merece destaque a ligação com o padre dominicano Enrico di Rovasenda, chanceler da academia e seu amigo pessoal, com quem travou interessantes debates sobre fé e religião católica, fato que o aproximou ainda mais do cristianismo.

No ano de 1972, Chagas Filho foi escolhido pelo papa Paulo VI para o cargo de presidente da APC, em substituição ao padre jesuíta Daniel O'Donnel. Na época, dois outros brasileiros exerciam postos no Vaticano: o cardeal Agnelo Rossi, prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, e o professor Deoclécio Redig de Campos, diretor-geral de seus museus. Esse episódio ainda hoje é acompanhado por um questionamento: quem o teria indicado para a função junto à Santa Sé. Nem ele próprio soube responder, apenas pôde conjecturar a respeito:

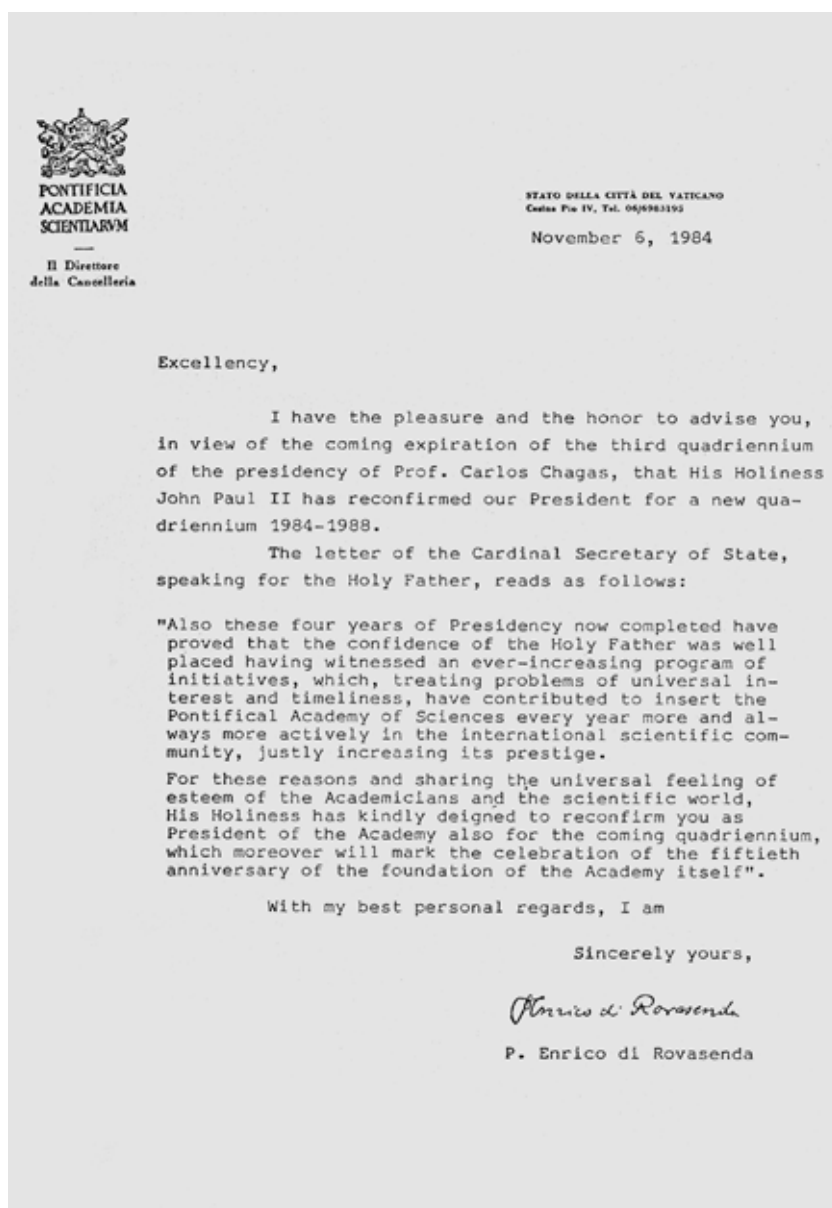
Penso que influíram a voz de Dom Eugenio Sales e a do cardeal Benelli, que me conhecera quando estava eu na Unesco e era ele o observador do Vaticano. Com Benelli estabeleci relações bastante cordiais, continuação dos entretenimentos que havíamos tido no Rio, ainda que esparsos, quando Benelli era um dos membros da Nunciatura Apostólica (Chagas Filho, 2000, p. 174-175).

Sua trajetória nesta instituição deixou marcas que até hoje podem ser notadas. Como exemplos de seus atos realizados na condição de presidente, podemos citar a inserção de novos membros no corpo da academia, anteriormente composto por cientistas católicos. Estes novos acadêmicos foram escolhidos de acordo com a área de atuação e competência, relegando a segundo plano as crenças religiosas de cada um. Dentre outras importantes realizações, que estão representadas em seu arquivo, destacamos os documentos referentes à datação do Santo Sudário, o processo de absolvição de Galileo Galilei pelo Vaticano, em consonância com a comunidade científica internacional, e a discussão sobre a utilização de armas nucleares no contexto da Guerra Fria.

Chagas Filho presidiu a APC durante 16 anos, tendo cada mandato a duração de quatro anos. As consecutivas reeleições demonstram a sua importância junto à Igreja. Seu último mandato teve fim no ano de 1988. Sua saída foi lamentada por diversos acadêmicos, fato que podemos constatar através da correspondência relativa ao período. Citemos como exemplo a carta de Robert Joseph White, neurologista norte-americano, na qual este sugere que a saída do brasileiro foi motivada por problemas de saúde, em virtude de ele não apresentar mais condições de viajar.

A passagem do cientista pela presidência da instituição encontra-se fartamente documentada em cartas, discursos, atas de reuniões, entre outros registros, tais como: artigo escrito por Chagas Filho, em 1984, intitulado 'Academia Pontifícia de Ciências, sua atividade, sua ação e sua posição em face da guerra nuclear'; carta de 1983 endereçada ao papa João Paulo II agradecendo pela presença na semana de estudos *La Science au Service de la Paix*; discurso do papa abrindo a semana de estudos anteriormente citada; carta sobre a quarta reeleição para a presidência da instituição. Somam-se

a estes outros documentos que refletem a importância da APC na trajetória do cientista, pois durante esse período organizou de diversas conferências e mesas-redondas internacionais na condição de seu representante máximo, nas quais discursou acerca da utilização de armamento nuclear e seu impacto climático, a evolução dos primatas e sobre o cérebro e o comportamento humano, entre outros temas.



Carta do padre Enrico di Rovasenda, chanceler da APC, sobre a quarta reeleição de Chagas Filho para a presidência da instituição. Vaticano, 6 de novembro de 1984.

Marcos cronológicos da trajetória científico-acadêmica de Chagas Filho

- 1931 Médico pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro
Direção do Hospital de Lassance — estágio em Doenças Tropicais
- 1935 Livre docente de física biológica da Universidade do Rio de Janeiro
- 1937 Professor catedrático de física biológica da Universidade do Brasil
- 1941/1952–54 Membro, vice-presidente e presidente da Academia Brasileira de Ciências
- 1964–66
- 1941–42 Supervisor do Serviço de Estudo das Grandes Endemias
- 1942 Delegado do Brasil à IX Conferência Sanitária Pan-Americana
- 1945 Criação do Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil
- 1946–64/1970–73 Diretor do Instituto de Biofísica
- 1946 Doutor em Ciências — Paris
- 1946–47 Delegado do Brasil na I, II, XIV, XV e XVI Conferências Gerais da Unesco
- 1965–66/1968
- 1947 Membro do Instituto Brasileiro para Educação, Ciência e Cultura
- 1948 Oficial da Legião de Honra — França
- 1951–54 Diretor da Divisão de Pesquisas Biológicas do CNPq
- 1951–62/1971–73 Membro do Comitê Assessor de Pesquisas Médicas da Organização Mundial da Saúde
- 1953–56 Membro do Conselho Deliberativo do CNPq
- 1953–72 Diretor da revista *O Hospital*
- 1956–57 Presidente do Comitê Científico das Nações Unidas para o Estudo dos Efeitos das Radiações Atômicas
- 1958 Membro da Academia Nacional de Medicina
- 1959–68/1971–78 Membro do Comitê Consultivo para Pesquisas Médicas da Organização Pan-Americana da Saúde
- 1960 Doutor *honoris causa* — Universidade de Coimbra
- 1961 Membro do Ciba Foundation's Study Group "Curare and curare-like agents" — Londres
- 1962–66 Secretário-geral da Conferência das Nações Unidas para Aplicação da Ciência e Tecnologia ao Desenvolvimento
- 1963–76 Presidente da Sociedade Brasileira de Biofísica
- 1964–66 Diretor da Faculdade de Medicina — UFRJ
- 1964–68/1970 Presidente do Comitê Consultivo para Pesquisas Médicas da Organização Pan-Americana da Saúde

- 1966–70** Embaixador, delegado permanente do Brasil junto à Unesco
Presidente do Comitê para Aplicação da Ciência e Tecnologia ao
Desenvolvimento – Conselho Econômico e Social das Nações Unidas
- 1968** Vice-presidente do Bureau Internacional de Educação
- 1968–72** Vice-presidente do Conselho Internacional de Uniões Científicas
- 1969–78/1979** Membro e presidente do Comitê Internacional da Salvaguarda de
Veneza
- 1970** Delegado do Conselho Internacional das Uniões Científicas à XVII
Conferência Geral da Unesco
- 1972–88** Presidente da APC
- 1973–77** Decano do Centro de Ciências Médicas — UFRJ
- 1974** Membro da Academia Brasileira de Letras
Delegado da Santa Sé à XIX Conferência Geral da Unesco
- 1976** Organizador da Semana de Estudos sobre Dessalinização, Vaticano
- 1977** Membro da Universidade das Nações Unidas
Membro do Conselho Técnico e Científico da Fundação Oswaldo Cruz
- 1980** Aposentadoria compulsória — professor emérito da UFRJ
- 1982** Presidente eleito da Academia de Ciências da América Latina, fun-
dada em 25 de setembro
Membro do Conselho Pontifical para a Cultura, Vaticano
- 1983** Vice-presidente da Academia de Ciências do Terceiro Mundo
Membro da Commissione Galileo, Vaticano
- 1984** Vice-presidente da Sociedade Brasileira da História da Ciência
- 1985** Delegado da Santa Sé à II Conferência para Aplicação da Ciência e
Tecnologia na América Latina e Caribe — Castalac II — organizada
pela ONU, Brasília
- 1986** Conferência na UFRJ sobre Ciência e Religião: A datação do Santo
Sudário
- 1987** Membro do júri do Prix Carlos J. Finlay, promovido pela Unesco,
Paris

* Este artigo é fruto das atividades dos projetos 'A memória da ciência no Rio de Janeiro: organização e socialização do Arquivo Pessoal de Carlos Chagas Filho', financiado pela Faperj, sob a coordenação de Paulo Gadelha, e 'Instituições intergovernamentais e política científica no Brasil: a contribuição de Carlos Chagas Filho e Paulo Carneiro (1940-1970)', coordenado por Marcos Chor Maio e com financiamento do Papes III/Fiocruz. Ambos os projetos são desenvolvidos no Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Não podemos deixar de agradecer a Darcy Fontoura de Almeida, amigo e biógrafo de Carlos Chagas Filho, pelos cordiais ensinamentos envolvendo aspectos do universo das práticas científicas e pela revisão final deste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Darcy
Fontoura de
mar. 2003
Carlos Chagas Filho: a biographical memoir. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 147, n. 1, p. 77-82.
- Bourdieu, Pierre
1996
A ilusão biográfica. Em Marieta Ferreira de Moraes e Janaína Amado (orgs.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 183-191.
- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.
1984
História da ciência no Brasil: acervo de depoimentos. Rio de Janeiro, Finep.
- Chagas Filho, Carlos
1991
'A ação da Academia Pontifícia de Ciências contra a guerra nuclear'. Em C. Chagas Filho (org.) *Conceitos e contraconceitos*. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 81-88.
- Chagas Filho, Carlos
2000
Um aprendiz de ciência. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Editora Fiocruz.
- Fraiz, Priscila
set. 2000
O acervo da família Carneiro: fonte para o estudo do pensamento e da prática filosófica, política e científica brasileira nos séculos XIX e XX. *História, Ciência, Saúde — Manguinhos*, v. 6 (sup.), p. 1125-1133.
- Fundação Oswaldo Cruz.
Casa de Oswaldo Cruz.
1991
Memória de Manguinhos: acervo de depoimentos. Rio de Janeiro, COC.
- Góes Filho, Paulo de
1997
O Brasil no biotério: o Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho e um jeito brasileiro de fazer ciência. Dissertação de mestrado em antropologia social, Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ.
- Le Goff, Jacques
1996
Documento/monumento. Em J. Le Goff. *História e memória*. Campinas, Editora da Unicamp.
- Levi, Giovanni
1996
Usos da biografia. Em Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (orgs.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 167-182.
- Mariani, Maria Clara
1982
O Instituto de Biofísica da UFRJ. Em Simon Schwartzman (org.) *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília, CNPq, p. 199-208.
- Nora, Pierre
dez. 1993
Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, p. 7-28.
- Schall, Virgínia
2001
Contos de fatos: histórias de Manguinhos. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.
- SBPC
1998
(Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) (org.) *Cientistas do Brasil*. São Paulo, SBPC.
- Vianna, Aurélio,
Lisovsky; Maurício,
Sá, Paulo Sérgio
Moraes de
jul.-dez. 1986
A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados'. *Arquivo & Administração*, v. 2, n. 10-4, p. 62-76.